

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR PINHEIRO CAMPOS

MEMÓRIAS ANCESTRAIS E DIÁLOGOS NO PRESENTE

Oliveira, MG

2023



Raíssa Oliveira Sousa
Beatriz Vitória de Sousa

Nome do Orientador: Viviane dos Reis Soares

MEMÓRIAS ANCESTRAIS E DIÁLOGOS NO PRESENTE

Relatório apresentado à 7ª FEMIC - Feira
Mineira de Iniciação Científica.

Orientação do Prof. Viviane dos Reis Soares

Oliveira, MG

2023



RESUMO

O presente relatório de pesquisa foi produzido coletivamente por estudantes do Ensino Médio dentro do programa de Iniciação Científica na Educação Básica (Iceb) e constituiu-se em uma importante forma de descrever os caminhos do trabalho realizado, analisar dados coletados e apontar os principais resultados da pesquisa. O projeto, cujos dados aqui se apresenta, teve como principal objetivo valorizar a memória coletiva como fonte histórica e favorecer o desenvolvimento de ações que promovam uma maior conscientização sobre o combate ao preconceito e a luta antirracista na escola e em toda a cidade. Os estudantes/pesquisadores envolvidos realizaram um importante trabalho de visita às escolas da cidade, coleta de informações e dúvidas orientaram suas atividades. Por meio da história oral, foram coletadas importantes informações e experiências de pessoas da cidade que usaram suas trajetórias e vivências para a produção do conhecimento. As análises dos materiais coletados durante o trabalho de campo associado com as análises bibliográficas e rodas de conversa realizadas ao longo das atividades do projeto tornaram possível a elaboração de material de divulgação e conscientização da importância do movimento antirracista nas escolas e incentivar novos diálogos e reflexões em toda a sociedade.

Palavras-chave: Antirracismo. História oral. Memória coletiva. Diálogo nas escolas.



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	6
3 OBJETIVO GERAL	7
4 METODOLOGIA.....	8
5 RESULTADOS OBTIDOS.....	11
6 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
REFERÊNCIAS	17



1 INTRODUÇÃO

O presente relatório é fruto do desenvolvimento do projeto Memórias ancestrais e diálogos no presente: a importância da valorização da memória para a afirmação da identidade negra e luta antirracista em nossa sociedade. A pesquisa, desenvolvida por estudantes da Escola estadual Professor Pinheiro Campos, reflete importantes e urgentes demandas sociais: falar sobre o racismo, reconhecer sua existência, entendê-lo enquanto empecilho para o exercício da cidadania e promover, por meio de ações contínuas, coletivas e emancipatórias, a alteração de nossa realidade.

O racismo é um elemento constituinte da sociedade brasileira cuja marca deixada, pelos trezentos anos de exploração do trabalho de pessoas e de segregação racial nos imposta desde os tempos da colonização, está longe de ser uma cicatriz e bem mais próxima de uma ferida aberta. Formalmente, o país foi o último a abolir a escravidão e, mesmo depois de quase um século e meio de abolição, a crença na superioridade de raça é um motor para o estabelecimento de padrões e para a estruturação de ações preconceituosas embasadas em um pensamento que se enraizou na sociedade brasileira de que poderiam existir raças inferiores e que estas deveriam ser marginalizadas.

A lei 10.639 sancionada em 2003 estabelece a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” no currículo oficial da educação básica e configura-se em um importante instrumento para que as práticas escolares que caminhem para um processo emancipatório e de fortalecimento de identidades negras. A lei propõe uma mudança de atitude em relação à cultura afro-brasileira e a desconstrução de discursos que inferiorizam e marginalizam a cultura africana, buscando afirmar a sua importância para a constituição de nossa sociedade e corrigir diferenças de forma a garantir a todos o mesmo direito à sua cultura e à sua história.

Ao refletir sobre os avanços que a legislação propõe, é com grande preocupação que observamos as reduzidas ações eficazes por parte das instituições escolares no sentido de aplicação das leis e de promoção de políticas educacionais que caminhem nessa direção. Observa-se também, que a temática antirracista é apresentada na escola, de forma coletiva e interdisciplinar, quase essencialmente em



épocas comemorativas como o 13 de maio, em que se comemora a abolição da escravidão, e o 20 de novembro, dia da Consciência Negra. Em muitos casos a temática é atribuída aos docentes de da área de Ciências Humanas em especial aos professores de História como se houvesse uma isenção das demais áreas do conhecimento.

Acontece que questão racial no Brasil configura-se numa questão urgente e coletiva. O desenvolvimento de ações voltadas para a educação dentro da perspectiva das relações étnico-raciais é uma das importantes frentes para a transformação da nossa sociedade. O papel da escola nesse caminhar é fundamental. Muitas ações podem e devem ser desenvolvidas dentro da escola para que a educação antirracista seja verdadeiramente uma realidade e não mais mera formalidade dentro do calendário escolar. É um imperativo assegurar que a escola não seja local de reproduções de atitudes preconceituosas e de reforço das ações excludentes.



2 JUSTIFICATIVA

A Escola Estadual Professor Pinheiro Campos, é a única escola de ensino médio da cidade de Oliveira, portanto, a última oportunidade de abordagem da temática de forma mais aprofundada. O que pode ter sido uma lacuna em outras escolas, aqui torna-se o momento limite, uma vez que é a última etapa da educação básica e que, na formação superior, principalmente quando não se trata da área de Ciências Humanas, a abordagem sobre o assunto é bastante superficial. Como é pequena a abertura para o assunto, a falta do dialogo gera o silenciamento por grande parte das pessoas, que acabam de forma consciente ou não, naturalizando as práticas racistas.

Primeiramente, e antes de tudo, é necessário compreender a escola como local de produção, circulação e divulgação do conhecimento. Mas isso não se restringe à escola. É importante pensar que os saberes são muitos e sua produção acontece também e de diferentes formas fora de seus muros, na comunidade, entre os nossos antepassados, nos mais variados grupos dos quais fazem parte os seres humanos. Por essa razão, nossa pesquisa não se limitou à nossa escola de origem. As atividades realizadas ao longo do projeto abrangeram seis das sete escolas que possuem o Ensino Fundamental- anos finais e Ensino Médio na cidade de Oliveira MG. Conseguimos mobilizar também pessoas de diferentes setores da sociedade que, por meio de relatos e entrevistas, contribuíram e fortaleceram nossas atividades.

Saber das lacunas educacionais quando se trata da questão racial brasileira torna necessário e urgente trabalhos de pesquisa como o que aqui se apresenta. Por essa razão, essa pesquisa é fruto de um esforço coletivo que visa alterações substanciais na sociedade partindo da educação, pois os jovens de hoje são os futuros adultos que têm em suas mãos o potencial de escrever uma nova história das relações étnicoraciais em nossa sociedade.



3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Valorizar a memória coletiva como fonte histórica e favorecer o desenvolvimento de ações que promovam uma maior conscientização sobre o combate ao preconceito e a luta antirracista na escola e em toda a cidade.

3.2 Objetivos específicos

- Acolher na escola e valorizar as experiências e memórias de membros da comunidade e grupos de luta pela valorização da cultura afro-brasileira e resistência ao preconceito racial.
- Transformar a escola em lugar de debate e reflexão sobre a importância do fortalecimento da identidade negra e da luta antirracista, por meio de eventos que promovam a interação dos estudantes com toda a comunidade escolar.
- Elaborar um material de divulgação do projeto e das ideias desenvolvidas para que sejam disseminadas e contribuam para o reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira na cidade.



4 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento das ações do projeto realizamos pesquisas de abordagem qualitativa e quantitativa. Foram realizadas atividades de campo por meio de pesquisa de opinião, pesquisa com fontes orais além da realização de eventos para debates entre estudantes e professores com os temas motivadores do projeto. O objetivo do formulário com pesquisa de opinião foi descobrir quais as lacunas sobre o tratamento da temática antirracista nas escolas, como as pessoas lidam com o racismo e as dificuldades das pessoas em tratar do assunto e reconhecer a sociedade como racista. Professores e estudantes responderam as questões e tiveram oportunidade de fazerem sugestões que foram aproveitadas como orientação para as ações do projeto.

Para que de que fato a coleta de dados pelos formulários pudessem orientar as nossas ações, oferecemos um espaço para que as pessoas fizessem sugestões, depoimentos e avaliassem a relevância do projeto. Os depoimentos foram importantes para reconhecermos que ainda há muitos silenciamentos e grande urgência em se tratar do assunto nas escolas. As sugestões guiaram ações mais precisas dentro do nosso projeto e as avaliações, positivas em sua maioria, foram importantes estímulos para a continuidade do nosso trabalho.

Pensando o combate ao racismo como um dos desafios mais complexos da sociedade atual, a presente pesquisa teve como um de seus objetivos possibilitar um diálogo entre pessoas mais experientes da sociedade com os mais jovens buscando assim, por meio da troca de informações criar alternativas para lidar com o racismo e favorecer o fortalecimento da identidade afrodescendente. Esse diálogo foi promovido com pessoas que precisaram lidar com o racismo num momento que o acesso à informações era restrito e que, por esta razão, tiveram que desenvolver meios de enfrentar as adversidades colocadas pela sociedade racista e hoje têm muito a transmitir aos mais jovens. Como bem afirma Peter Burke, ainda que hoje tenhamos diversificados meios de comunicação a forma mais eficaz de disseminar o conhecimento é o encontro entre os indivíduos, pois “as ideias circulam por aí dentro



das pessoas”¹.

Visando conhecer essas ideias e disseminá-las entre os estudantes, entrevistamos quatro pessoas: Paulo Silva aposentado que trabalhou no comércio oliveirense por mais de 30 anos tendo sido “apadrinhado” por uma família branca para quem ele prestou serviços, o que lhe permitiu acesso aos estudos. Juntamente com o sr. Paulo, sua esposa Dona Aparecida também participou da entrevista. Além de experientes e ativistas eles são pais de quatro mulheres que fundaram há 12 anos o coletivo “Encontro de cultura-afro Oliveira” que realiza um importante trabalho em nossa sociedade; Jailson Salvador, padre, psicanalista e ativista da causa antirracista na cidade que a despeito da condição socioeconômica, estruturou sua vida acadêmica e hoje usa seu trabalho em favor do fortalecimento de outros jovens em busca desenvolvimento pessoal e profissional; Juliana Aparecida Benedita mãe de santo, responsável por um centro de Umbanda na cidade de Oliveira MG e atuante pela causa antirracista na cidade; Rafaela Rodrigues de Paula ativista e exemplo de luta pelos direitos das mulheres negras em nossa sociedade.

De início, pretendíamos entrevistar mais pessoas, contudo, tendo em vista o cronograma do projeto e os desafios das transcrições das entrevistas, optamos por diminuir a quantidade de entrevistados, mas sem com isso, prejudicar a proposta do trabalho com história oral. Entendemos que as narrativas são importantes formas de preservar e transmitir heranças identitárias. Elas tornam possível um maior conhecimento sobre outros períodos históricos de forma a transportar o ouvinte para outras realidades e vivências por meio da voz de quem narra. São carregadas de experiências, relações sociais, simbolismo, imaginação e silenciamentos que também se fazem importantes. O não-dito é uma forma de expressão que vai além das palavras uma vez que nos revelam sentimentos, pontos de instabilidade e de dor.

Para Maurice Halbwachs, “a memória se constrói a partir das vivências de grupos sociais concretos”. As narrativas coletadas no presente trabalho permitiram importantes reflexões a respeito das situações vivenciadas por afro-brasileiros em nossa comunidade que viveram e sofreram as consequências diretas do racismo.

¹Burke, Peter. *Uma história social do conhecimento II: da enciclopédia à Wikipédia*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

Título do projeto



Permitiram também a compreensão das mais variadas formas de resistência e ações afirmativas entre essas pessoas que buscaram no fortalecimento de suas raízes, no posicionamento e no desejo de alterar essa realidade de seu povo e seus descendentes.



5 RESULTADOS OBTIDOS

Em visitas às escolas (imagem 1) recolhemos 1653 formulários preenchidos por estudantes e corpo docente. Por se tratar de uma pesquisa de opinião, optamos por manter o anonimato daqueles que concordaram em responder ao questionário. Iniciamos o questionário perguntando se os respondentes se consideravam racistas. Apesar de sabermos que essa é uma pergunta muito direta, em nossos estudos prévios identificamos que um dos maiores empecilhos para o desenvolvimento de ações afirmativas em nossa sociedade está no reconhecimento de que o racismo a estrutura como bem nos aponta Sílvio de Almeida em seu livro “Racismo estrutural”². Sem essa constatação, a alteração dessa realidade torna-se um grande desafio.

Perguntamos também se as pessoas já sofreram racismo. Os resultados dessa segunda pergunta contribui para a confirmação de algumas de nossas hipóteses. Das respostas coletadas, 95,1% das pessoas afirmaram não serem racistas (gráfico 1). Em contrapartida, 21% dos entrevistados apontaram já terem sofrido racismo (gráfico 2).

Gráfico 1

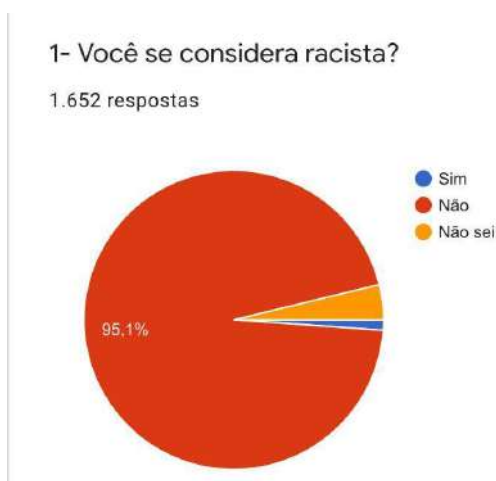
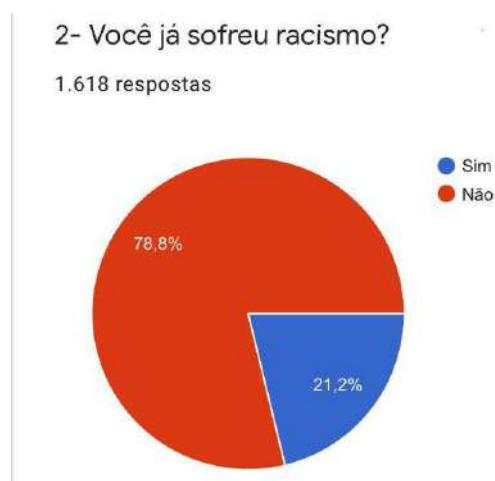


Gráfico 2



² ALMEIDA, Sílvio. Racismo estrutural. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.



Em outra pergunta questionamos se os entrevistados já haviam presenciado situações de racismo e 61,4% respondeu que sim (gráfico 3).

Gráfico 3

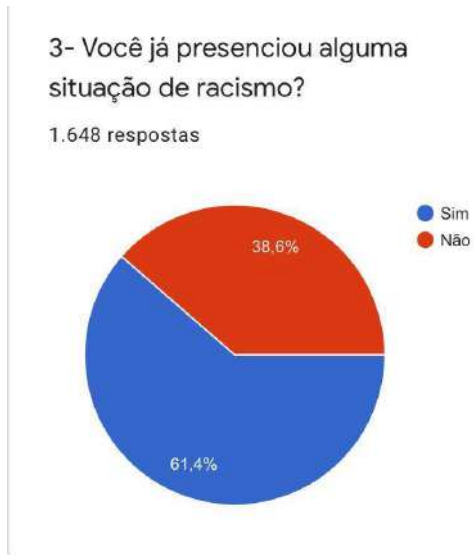


Imagem 1



Estudantes coletam sugestões nas escolas.

A discrepância entre os dados coletados, a contradição entre o ser/sofrer/presenciar o racismo entre os respondentes mostram a necessidade de tratar do assunto nas escolas. É relevante considerar que a pergunta sobre já ter sofrido racismo foi a que mais teve abstenção.

Observamos a partir dessa pesquisa que falta o reconhecimento de que vivemos em uma sociedade racista para que possamos enfrentar e modificar essa realidade. Falta também coragem para falar sobre assunto e o mais importante: faltam pessoas dispostas a ouvir. Saber um pouco sobre como as pessoas gostariam que o assunto fosse abordado nas escolas, “ouvir” os relatos de experiência descritos nas sugestões nos formulários direcionou nossas ações e permitiu que aproveitássemos ao máximo todo o conhecimento a nós disponibilizado pelas narrativas de nossos entrevistados e que pudéssemos mais tarde retornar às escolas disseminando um pouco desse conhecimento.

Na passagem a seguir, podemos observar nas falas de Dona Preta (Maria Aparecida Silva) como a experiência lhe tornou possível perceber o racismo sofrido e como o conhecimento lhe permitiu questionar:

Ninguém chega perto e diz... isso é porque você é negro, mas a gente sente isso... a gente como se diz, é leiga, né, era leiga no assunto e então as coisas aconteciam e a gente achava que aquilo era normal Hoje não. A gente sabe



que não é. Há tanto tempo atrás eu passei por isso, mas hoje eu sei. Mas é difícil entender. Por que que eu tô vivendo isso. Por que isso aqui (aponta para o braço) é uma pele. Tirou isso aqui eu sou igual a todos. Só que infelizmente isso não funciona³.

Pelas palavras de nossa entrevistada, foi possível constatar como a consciência do que é o racismo é importante para que ações possam ser desenvolvidas ao passo que o contrário dessa consciência direciona as pessoas para um processo de naturalização. É sobre essa naturalização que estamos tratando. Ela é um empecilho para a mudança, a transformação. E como promover essa mudança? De acordo com Jaílson Salvador, é importante que hajam movimentos sociais que promovam a conscientização a respeito do racismo e que possibilitem também a valorização da cultura dos povos afro-diaspóricos como meio de reforçar a importância do povo negro em nossa sociedade e da busca por seus direitos.

os movimentos sociais e culturais são necessários porque como nós nos colocamos dentro de uma cultura que tem seus mecanismos para levar uma mensagem é que, que seja uma mensagem mais autoritária, uma mensagem de valorização, uma mensagem que não deixa uma certa dúvida a respeito do valor e da importância, do homem negro e da mulher negra. Então os movimentos vão apontar para um outro lado, eles vão reivindicar leis que possam inibir todas essas ações violentas, como nós hoje temos as leis da injúria racial, a lei contra o racismo né?⁴

Em sua fala, Jaílson endossa as ações do nosso projeto e reforça a necessidade de que mais movimentos sociais ocupem espaços em nossa sociedade e levem informações, fortaleçam o movimento em busca de direitos e garantias a todos os cidadãos.

Reconhecemos nas entrevistas, que tanto conhecimento precisava ser disponibilizado aos estudantes como proposto nos objetivos do projeto e, por essa razão, a realização das rodas de conversa foi a melhor forma de levar um pouco desse conhecimento para dentro da escola. As rodas de conversa consistiram num bate papo na escola orientado pelos integrantes do projeto de iniciação científica, convidados da comunidade, inclusive entrevistados e corpo docente da escola.

³ SILVA, Maria Aparecida: depoimento [janeiro 2022]. Entrevistadoras: Grazielle Beatriz Cândido, Ana Júlia Almeida e Viviane Reis Soares. Vídeo mp4. Duração 1:10m. Trecho: 26:15m a 27:11m.

⁴ SALVADOR, Jaílson: depoimento [janeiro 2022]. Entrevistadoras Lavínia Lara Ferreira de Moraes, Beatriz Vitória Sousa. Vídeo mp4. Duração: 1:03.



Para todos os integrantes do projeto, esses encontros foram uma experiência reveladora, que apresentou o quanto é urgente tratar do antirracismo na escola. As falas apresentaram limitações entre docentes e discentes. Na oportunidade, a falha na formação ficou evidente no momento em que foram ditas falas racistas, vindas de professores ainda que com a intenção de contribuir com o projeto. Por algumas falas, foi possível confirmar o quão grave é a situação e o quanto o racismo está naturalizado na sociedade, a ponto de as pessoas não perceberem que além de não contribuírem para a alteração da realidade, acabam permitindo a naturalização e perpetuação de práticas preconceituosas e discursos racistas na escola.

Essas constatações se contrastam com outras percepções sobre esses diálogos. Além de revelar pontos a melhorar, as rodas de conversa também foram momentos de troca de experiências entre falantes e ouvintes. A exemplo, a convidada rainha conga, mestra em História e coordenadora do coletivo “Encontro de Cultura Afro em Oliveira MG”, Ana Luzia Silva, foi uma colaboradora fundamental para a realização da roda, introduzindo de forma leve os assuntos que normalmente são tabus, como por exemplo, o racismo reverso.

E Juliana, conhecida como Afrodite, mãe de santo em um terreiro de Umbanda na cidade ressaltou importância da tolerância religiosa, sanando dúvidas comuns sobre as religiões de matrizes africanas e esclarecendo as relações entre os santos católicos e os orixás. Ademais, Vyctor, dançarino e convidado, juntamente com uma integrante do projeto, Lavínia Ferreira, trouxeram uma apresentação de dança contemporânea interpretando a música “Eu sou” de WD, que expressa o orgulho de sua identidade e a valorização ancestral.

Imagem 2:





Equipe de pesquisas e a convidadas Afrodite e Dayane.

As atividades desenvolvidas na roda de conversa possibilitaram uma importante interação entre comunidade, estudantes e professores. O espaço da fala se transformou em momento de desabafos, incentivos e orientações para o desenvolvimento de ações afirmativas na escola. Os silêncios demonstraram a necessidade de se propor mais ações como esta para que os jovens possam ser estimulados a dialogar, produzir conhecimento e agir de forma consciente e ativa em suas realidades.

A primeira roda de conversa foi um alerta para a necessidade de ter mais abertura para esses diálogos na escola e apresentou-se como um gatilho para que mais ações sejam desenvolvidas em toda a cidade. Em menor escala, sem os convidados da comunidade, mas com a experiência dos estudantes do grupo de pesquisa essas rodas de conversas foram reproduzidas nas escolas que foram visitadas durante as pesquisas iniciais. Esses contatos foram meios encontrados pela equipe de pesquisa para disseminar os aprendizados oferecidos pelo diálogo com a comunidade em outras escolas e incentivar a continuidade dessas ações.

Foi produzido um panfleto com orientações para a mobilização antirracista nas escolas. Esse panfleto, com informações sobre o que é racismo, diferença entre racismo, discriminação e preconceito, legislação sobre racismo e dicas importantes para os jovens, foi entregue à coordenação pedagógica para que, de forma orientada, professores possam trabalhar a temática antirracista com os estudantes.



6 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Escola Estadual Professor Pinheiro Campos, o projeto "Memórias ancestrais e diálogos no presente" representou uma oportunidade única de abordar de forma aprofundada a temática do racismo. Sendo a única escola de ensino médio na cidade de Oliveira, essa instituição de ensino é o último espaço de educação formal para muitos jovens, antes de ingressarem na formação superior no qual, especialmente em áreas acadêmicas não vinculadas às Ciências Humanas, a abordagem sobre a questão racial muitas vezes é superficial, ou até mesmo inexistente.

O projeto se desenvolveu como uma resposta crítica a essa lacuna educacional, preenchendo uma necessidade urgente de sensibilização e educação em relação às questões raciais. Em um contexto em que a abertura para discutir e debater o racismo é limitada, o silêncio impera, levando muitas pessoas a naturalizarem práticas racistas de forma consciente ou inconsciente.

É fundamental reconhecer a escola como um espaço de produção, circulação e disseminação do conhecimento, mas também é crucial entender que o conhecimento é vasto e diverso, sendo produzido de maneiras variadas dentro e fora dos muros escolares. Por essa razão, nossa pesquisa não se limitou à nossa escola de origem. Ela se estendeu a seis das sete escolas que oferecem o Ensino Fundamental - anos finais e Ensino Médio em Oliveira, MG. Além disso, conseguimos envolver indivíduos de diversos setores da sociedade, cujos relatos e entrevistas enriqueceram nossas atividades.

Ao identificar as carências educacionais em relação à questão racial no Brasil, compreendemos a urgência de pesquisas como a que aqui apresentamos. Este projeto é o resultado de um esforço coletivo com o propósito de provocar mudanças substanciais na sociedade, a partir da base da educação. Reconhecemos que os jovens de hoje serão os adultos do amanhã, com o poder de escrever uma nova narrativa sobre as relações étnico-raciais em nossa sociedade.

O projeto "Memórias ancestrais e diálogos no presente" é, portanto, uma iniciativa significativa que não apenas atendeu aos seus objetivos, mas também estabeleceu as bases para uma transformação mais profunda na educação e na sociedade, ao dar voz às experiências ancestrais e promover diálogos e reflexões que contribuíram para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.



REFERÊNCIAS

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Márcio. RIBEIRO, João Bosco. **História Contemporânea de Oliveira**. Editora... 2011

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

Burke, Peter. **Uma história social do conhecimento II**: da enciclopédia à Wikipédia. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Entrevistas:

SALVADOR, Jaílson: depoimento [janeiro 2022]. Entrevistadoras Lavínia Lara Ferreira de Moraes, Beatriz Vitória Sousa. Vídeo mp4. Duração: 1:03.

SILVA, Maria Aparecida: depoimento [janeiro 2022]. Entrevistadoras: Grazielle Beatriz Cândido, Ana Júlia Almeida e Viviane Reis Soares. Vídeo mp4. Duração 1:10m.

PAULA, Rafaela Rodrigues de: depoimento [fevereiro 2022] Entrevistadoras Lavínia Lara Ferreira, Beatriz Vitória de Sousa. Vídeo mp4. Duração: 1:03h

BENEDITA, Juliana Aparecida. depoimento [fevereiro 2022]. Entrevistadoras: Grazielle Beatriz Cândido, Ana Júlia Almeida. Vídeo mp4. Duração 1:14h